

ASPECTOS CULTURAIS E POTENCIALIDADES DO RIO NILO EM RELAÇÃO AO EGITO

Dalmo de Moura Costa¹, Bruno de Oliveira Silva², Fábio Luíz Oliveira de Carvalho³, Fabiana Lopes Martins⁴,
Lucio Rogerio Pelizer Paris⁵ Carla Augusta Rossetti Barassa⁶

RESUMO

O presente trabalho é uma análise do contexto cultural do Egito antigo em relação ao Rio Nilo (iniciando-se do período de 3000 a.C.). Os ricos aspectos culturais desta sociedade muitas vezes são atribuídos às boas condições de sobrevivência ofertadas pelo rio Nilo. A análise se dará através de estudos bibliográficos que retratam os aspectos culturais da sociedade egípcia voltando-se para o Rio Nilo como fator norteador do desenvolvimento desta sociedade e agregador de dilemas que transitam entre o âmbito material e o imaterial, revelando teorias fluentes e contextualizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Egito Antigo; Rio Nilo; Aspectos Culturais.

1 INTRODUÇÃO

Os rios, em sua grande maioria, além de servirem como meio de transporte, tem fundamental importância no desenvolvimento de algumas sociedades, bem como na disponibilização de recursos essenciais para a sobrevivência desses povos. Dentre as sociedades que se acredita terem se desenvolvido em volta das boas condições de sobrevivência ofertadas por um rio encontramos o Egito (ou “crescente fértil”). Algumas produções tratam esta sociedade como oriunda do Rio Nilo, considerando este como fato primário para o desenvolvimento das atividades que possibilitavam o cultivo e como característica influenciadora de alguns aspectos culturais daquela sociedade.

Nessa perspectiva, achados históricos categorizam que o clima semiárido daquela região e o deserto que acerca também foram intensos influenciadores para o desenvolvimento de boa parte do Egito nas terras às margens deste rio. Por sua vez, as características do Nilo, bem como os seus períodos de inundação foram base para uma série de coisas, servindo até como orientação para o calendário egípcio daquele tempo, e envolvendo mitos e simbolismo.

¹ Graduado em engenharia agrônoma pela Universidade Estadual de Piauí e Licenciado em História pelo Centro Universitário Uniseb

² Licenciado em História pela Faculdades Integradas de Cruzeiro

³ Fisioterapeuta, professor e coordenador do curso de fisioterapia da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UniAGES.

⁴ Docente do Colegiado de Enfermagem do Centro Universitário Amparense – UNIFIA

⁵ Docente do Colegiado de Análise e Desenvolvimento de Sistemas do Centro Universitário Amparense – UNIFIA.

⁶ Docente do Colegiado de Nutrição no Centro Universitário Amparense - UNIFIA

Assim sendo, mostra-se plausível a descrição dos aspectos provenientes deste rio enquanto a esta sociedade, bem como a elaboração de novos trabalhos a cerca deste tema. O estudo sobre algumas obras que envolvem este assunto nos leva a considerar que os benefícios oriundos do rio Nilo foram de extrema importância para aquele povo, acarretando um bom desenvolvimento socioeconômico e a agregação de mitos e crenças a cerca dessas águas. Por sua vez, foram atribuídas figuras bíblicas, deuses e animais místicos fortalecendo a relação entre homem e natureza e despertando o interesse de muitos indivíduos em desvendar a cultura daqueles povos considerados uma das primeiras sociedades do mundo.

É nesse ponto que entra o objeto de estudo do presente trabalho: compreender os aspectos culturais e demográficos da sociedade egípcia em relação ao rio Nilo bem como os aspectos influenciadores para o desenvolvimento desta sociedade. Apesar de ser uma das sociedades mais estudadas pelos historiadores ainda há divergências sobre a relação de influência do rio Nilo sobre o desenvolvimento do Egito e alguns pontos da cultura daqueles povos. Nossa hipótese é de que tanto o clima da região nordeste da África (onde se encontra o Egito) quanto a gama de atributos do rio Nilo e das terras a sua margem foram fundamentais nesse desenvolvimento bem como a figura deste rio como aspecto principal de múltiplos fatores presentes na cultura desses povos. Logo, para compreender todo o dilema supracitado, será realizada a análise de alguns estudos que abordam esse tema, desde livros a artigos, para se efetivar a compreensão do tema, dentro de seu contexto socioeconômico e cultural.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Rio Nilo e o Egito: delimitações e características

O Egito tem uma rica cultura e, há muitos anos, é alvo de várias expedições arqueológicas e passível de inúmeras produções científicas englobando sua gama de aspectos socioculturais e achados históricos, sendo considerada uma das primeiras sociedades desenvolvidas e tendo boa parte de seu território banhado pelo Rio Nilo. Visto isso, torna-se possível afirmar que este rio obteve grande significância para os egípcios, sendo forte influenciador de aspectos vitais e culturais acerca desta sociedade. Assim sendo, dentre esses aspectos encontram-se alguns que foram influenciadores para o desenvolvimento desta sociedade, dos quais considera-se o clima semiárido do deserto que cerca o Egito e o grande

potencial fértil das terras situadas relativamente próximas ao Nilo como os fatores mais relevantes (VIEIRA et al, 2015).

Antes de qualquer coisa é necessário o relato de algumas delimitações geográficas deste rio e desta sociedade. Por sua vez, o Egito se situa no Nordeste da África fazendo fronteira com o deserto da Líbia ao oeste, ao sul com a Núbia (atual Sudão), ao norte com o Mar Mediterrâneo e ao leste com o Mar Vermelho, sendo que seu território, enquanto às fronteiras, sofreu diversas e significantes alterações durante um período de 3000 anos (a.c.) (COSTA, 2013).

Ainda nesta perspectiva, o que diferencia o Egito de uma área desértica é o fato de existir um rio que o cruza e devido à presença de alguns oásis. No mais, o Nilo, nasce da junção que ocorre entre o Nilo Azul (advindo do Lago Tana, Etiópia), o Rio Atbara (vindo do noroeste da Etiópia) e o Nilo Branco (que nasce no Lago Vitória) nas proximidades da cidade de Cartum (no Sudão [Núbia]) seguindo para o norte (de forma a cruzar a Núbia e o Egito) desaguando no mar mediterrâneo (COSTA, 2013).

Por sua vez, a contribuição deste rio vai além do fornecimento de água para o simples consumo, as cheias que ocorriam em alguns períodos do ano limpavam as terras a margem de seu percurso e fertilizava-as com camadas de sedimentos férteis carreados por toda a sua extensão, dando origem ao extenso território propício ao cultivo que vai do eixo sul ao norte sendo distribuído em “leques” por uma área de 160 quilômetros de extensão e 320 quilômetros de largura, proporcionando a execução da agricultura que foi a principal atividade econômica exercida por muitos anos além da coleta de papiro e as pescarias (COSTA, 2014; COSTA, 2013; VIEIRA et al, 2015).

Assim sendo, ressaltando as condições geográficas, o Egito é considerado uma dádiva do rio Nilo uma vez que as dificuldades de sobreviver no deserto e os recursos dispostos ao seu envolvimento influenciou o desenvolvimento de algumas das primeiras cidades nos seus arredores (VIEIRA, 2015; PAIVA, 2016).

Sobre essas terras, segundo Silva e Wanderer (2015):

O privilégio em possuir essas terras era porque todo ano, no mês de julho, as águas do rio inundavam essa região ao longo de suas margens e fertilizavam os campos. Essas terras, portanto, eram bastante valorizadas, Porém era necessário remarcar os terrenos de cada agricultor em setembro, quando as águas baixavam. Os responsáveis por essa marcação eram os agrimensores (funcionário nomeado pelo faraó com a tarefa de avaliar os prejuízos das cheias e restabelecer as fronteiras entre as diversas propriedades), que também eram chamados de estiradores de corda, pois mediam os terrenos com cordas nas quais uma unidade de medida estava marcada. Essas cordas eram esticadas e se verificava quantas vezes a tal unidade de medida cabia no terreno, mas nem sempre essa medida cabia inteira nos lados do terreno.

Esse problema só foi resolvido quando os egípcios criaram um novo número: o número fracionário (p.7).

Voltando-se propriamente para o rio, outro aspecto considerado importante é relatado por Costa (2014):

[...] em uma sociedade que agregou importância aos ambientes aquáticos, as embarcações em seus variados modelos tiveram um grande destaque não somente no transporte pela grande hidrovia que era e continua sendo o Rio Nilo, uma vez que as bigas eram empregadas em guerras, caçadas e desfiles praticados por membros da elite (p.9).

Tal passagem nos remete ao seu funcionalismo além dos fatores de extração supracitados, caracterizando também o ato de proporcionar o contato entre outras sociedades distantes e sediar guerras, muitas das vezes por territórios, caçadas e eventos das elites. Desta forma, estes últimos aspectos citados abrem o leque de discussão para um âmbito além de materialista, simbólico, sendo viável a análise de estudos que englobem estes outros dilemas cultural a cerca do rio Nilo em relação ao Egito antigo.

2.2 Rio Nilo e o Egito: simbolismo, mitos e crenças

A discussão sobre a cultura dos povos egípcios é antiga, mas nos cabe aqui somente expor e descrever estes elementos. Assim sendo, é importante relatar ao menos um dos conceitos sobre cultura para uma melhor agregação dos simbolismos e crenças aos antigos egípcios.

Neste ponto, segundo Laplantine (2010), cultura pode ser compreendida como tudo aquilo produzido pela humanidade seja no plano concreto (artefatos, objetos etc.) ou imaterial (ideias, crenças etc.), todo complexo de conhecimento e habilidade humana empregada socialmente e todo comportamento aprendido.

Para caracterizarmos, então, parte da cultura egípcia iremos nos ater, inicialmente à seguinte citação:

O Rio Nilo não serviu unicamente como um espaço para a captação de recursos (pescaria, água para o consumo, coleta de papiro etc.), mas como um grande fator para a orientação espacial não só física, mas simbólica: como as correntes saem do Sul em direção ao Norte, era dessa forma que as comunidades egípcias se situavam espacialmente (COSTA, 2014, p.9).

Tal trecho torna evidente uma característica que transcende o âmbito econômico e reafirma o Nilo como fator principal enquanto a cultura daquele povo em um período de descobrimento e constante transição desde os primórdios a cerca de 3000 anos (a.c.) conhecido como antiguidade (VIEIRA et al, 2015), destacando um dos grandes papéis simbólico deste rio.

Nesta perspectiva, prosseguindo esta produção, Costa (2014) afirma que o lado leste deste rio (lado cujo sol nascia) era considerado como o mundo dos vivos, já o lado oeste (no qual o sol se põe) era tido como o dos mortos, embora este fosse habitado, devido à crença de que o sol nascia ao amanhecer e ao anoitecer ele morria de forma cíclica todos os dias.

Outro simbolismo criado a cerca do Nilo foi um dos primeiros calendários daquele povo que era regido pelas inundações que ocorriam anualmente. Por sua vez, a inundação limpava a terra e depositava camadas de sedimentos férteis que eram carreados desde as suas fontes e trazia água em abundância marcando a primeira estação do ano conhecida como Akhet, o momento em que as águas começam a baixar deixando o espaço para o plantio marcava a Peret (segunda estação do ano), a Shemu era a terceira estação e nessa época ocorriam as colheitas e estocagem de grãos, finalizando o ciclo de estações que formulavam um dos calendários e obtinham em torno de quatro meses cada uma (COSTA, 2014).

Além disso, uma passagem bíblica traz a tona um mito do período faraônico que envolve essas águas:

A filha do faraó descera ao Nilo para tomar banho. Enquanto isso, as suas servas andavam pela margem do rio. Nisso viu o cesto entre os juncos e mandou sua criada apanhá-lo. Ao abri-lo, viu um bebê chorando. Ficou com pena dele e disse: "Este menino é dos hebreus". (...) Então a filha do faraó disse à mulher: "Leve este menino e amamente-o para mim, e eu pagarei você por isso". A mulher levou o menino e o amamentou. Tendo o menino crescido, ela o levou à filha do faraó, que o adotou e lhe deu o nome de Moisés, dizendo: "Porque eu o tirei das águas" (Êx, 2:1-10).

A partir daí começamos a decifrar a imagem de alguns deuses e figuras bíblicas que eram atribuídas a essas águas. Segundo Costa (2014):

[...] simples exemplo é o mito da Grande Contenda, onde estão as figuras dos deuses Hórus e Seth batalhando pelo trono do Egito: a lenda tem como um dos pontos centrais o ódio de Seth, um dos quatro filhos dos deuses Geb e Nuit, que era ávido pelo poder. Entretanto, ele não poderia ser o rei do Egito, já que a coroa fora dada aos seus irmãos mais velhos, o casal Osíris e Isís. Seth, então, arquiteta o assassinado de Osíris prendendo o próprio irmão em um ataúde e jogando-o no Nilo para ele se afogar. Isís quando descobre o crime, resgata o caixão, que por sua vez é

encontrado pelo assassino que profana o corpo do deus morto, cortando-o em vários pedaços e o espalha por todo o Egito [...] Ainda de acordo com o mito, Isís sai em uma jornada para recuperar as partes desmembradas, e com a ajuda da sua irmã, e esposa de Seth, Neftís, reúne os pedaços com ataduras — criando assim a primeira múmia — e lhe devolve a vida (p.7-8).

Trazendo agora para um meio mais material, a demarcação dos terrenos de cada agricultor daquela região influenciou na produção de um sistema geométrico e, segundo Rosa e Orey (2005, p.367), “Neste processo, a interação da cultura egípcia com o meio-ambiente ocorria através do desenvolvimento de técnicas aritméticas e geométricas que eram necessárias para a medição das terras ao longo das margens do Rio Nilo”.

Fundamentando ainda mais essa teoria é possível afirmar que “[...] por meio da medição e do desenho dos terrenos, os egípcios descobriram métodos e técnicas matemáticas, adquirindo conhecimentos geométricos que, posteriormente, foram aprendidos pelos gregos” (COSTA; ROSA, 2015. p.59).

Além disso, o fluxo diário daqueles povos foi norteador até para o desenvolvimento até de danças e uma delas é a dança do Jarro:

[...] a dança do jarro caracterizou-se como uma representação de uma parte da cultura egípcia, ligada ao rio Nilo, os movimentos realizados desta dança, durante os espetáculos, são baseados na rotina das camponesas, que caminhavam de suas residências ao rio, descansando, refrescando-se com seus jarros, se banhando e cantando com a alegria (SILVA, 2016, p.22).

Voltando-se novamente para questões místicas e crenças, relata-se que a figura do deus Hapi, segundo a crença, era responsável por liberar a enchente do Nilo, o Knun era o deus patrono da primeira catarata e responsável pela inundação anual, já o Heqet, Tauret e Sobek representavam a fertilidade e o deus Rá era o deus criador de tudo e de todos (COSTA, 2014). Além disso, a deusa Isís era considerada protetora do trono do faraó, mas devido à associação à estrela Sírius (que aparecia no céu egípcio na mesma época as enchentes estavam para começar) a imagem desta deusa também era ligada com a chegada das cheias do Nilo (COSTA, 2014).

Mesmo animais cujo ambiente não é aquático foi assimilado às águas, dentre eles encontram-se algumas aves e uma delas é a Benu que tinha seu *avatar* remetido as semelhanças com uma garça-real e o seu canto era considerado pelos egípcios o primeiro som do mundo e sua assimilação ao Nilo se dá pelo fato de após as enxurradas estas aves se posicionarem as margens do rio e soltarem gracejos (COSTA, 2013).

Isso esclarece o simbolismo entre alguns animais, o Egito e o rio Nilo, concomitantemente revelando esses animais e seus respectivos simbolismos culturais, bem como suas especificidades. Continuando esse dilema e voltando-se para a questão inicial norteadora dos argumentos, torna-se plausível revelar uma crença que ditava que o mundo dos mortos também era composto por água (como o dos vivos) e que Rá (o deus sol) utilizava uma embarcação para cruzar o céu efetuando a passagem do dia desde o sol da manhã (representado na figura de Khepri), sol do meio dia (na própria figura de Rá) e o do final da tarde (representado pelo deus Atum) indo para o crepúsculo (DAVID, 2011; LESKO, 2002; WILDUNG, 2009), e acreditando nisso a família dos falecidos influentes sepultavam nas proximidades das tumbas ou, até mesmo, dentro delas parte de embarcações ou embarcações completas para os defuntos realizarem sua jornada além da vida (DAVID, 2011).

Sendo assim, uma ideia formulada por Costa (2014) fecha bem toda essa argumentação:

Esse amplo rio definiu o modo de vida a suas margens, não somente no que diz respeito a ser um espaço destinado para se obter os recursos necessários para a manutenção da vida – tais quais alimentos e matérias primas -, mas como uma extensão do lar egípcio, ao mesmo tempo em que era definido como uma existência transcendente, cuja origem estava distante do entendimento de simples mortais (p.47).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a abordagem feita demonstra claramente a riqueza cultural dos povos egípcios da antiguidade bem como a influencia do rio Nilo em grande parte desses aspectos. Com isso, para uma boa compreensão em relação a esse dilema é necessário inicialmente levarmos em consideração as delimitações territoriais do Egito e do rio Nilo e, em seguida, analisarmos as características desta sociedade atribuindo os valores e as influencias culturais deste rio tanto no meio material quanto no imaterial fazendo uma analogia coerente, constante e significativa entre os povos, o território e o meio aquático.

As teorias e ideias relatadas nos remete a considerar o Egito uma dádiva do Nilo. Por sua vez os principais fatos tidos como norteadores para o desenvolvimento desta sociedade às margens do rio foi a fertilidade das terras (sendo esta distribuídas em leques por uma extensão de 120 km por 320 km de largura) e o clima semiárido da região que é cercada por deserto, levando em conta que o território egípcio sofreu diversas alterações, enquanto às suas fronteiras, durante um longo período de tempo e se situa no nordeste do continente africano fazendo fronteira ao sul com a Núbia (atual Sudão), ao norte com o Mar

Mediterrâneo, ao leste com o Mar Vermelho e ao oeste com o deserto da Líbia e sendo banhado pelo rio Nilo que se origina da junção entre o Nilo Azul, o rio Atbara e o Nilo Branco nas proximidades da cidade de Cartum (no Sudão), seguindo para o norte (cruzando o Sudão e o Egito) e desaguando no Mar Mediterrâneo.

Esclarecido isso, podemos então estabelecer as características desta sociedade que foram influenciadas por este rio. Para tanto, conclui-se que um dos aspectos influenciados foi a criação de um calendário regido pelas enchentes que ocorriam anualmente abrindo a primeira estação que era conhecida como Akhet, assim que as águas começavam a baixar possibilitando a realização de atividades agrícolas caracterizava a segunda estação a Peret, e a terceira estação se iniciava no período de colheita e estocagem de grãos sendo conhecida como Shemu.

É relatado também que enchente eram responsáveis por limpar as terras às margens do Nilo e fertilizá-las novamente com os sedimentos trazidos por todo o trajeto do rio. Assim sendo, ter terrenos em sua margem era considerado um privilégio e no período faraônico eram os faraós que sediam esses terrenos aos agricultores e ao passar das cheias funcionários do faraó ficavam encarregados de remarcar esses terrenos, essa tarefa deu origem ao número fracionário devido a medição ser feita por meio de cordas e nem sempre a unidade de medida cabia inteira no terreno, dando origem também ao desenvolvimento de técnicas aritméticas e geométricas.

Outro fato considerado é que o fluxo das águas do rio do lado sul para o norte servia como orientação espacial para a população e seu potencial pluviométrico norteou o desenvolvimento de embarcações que eram utilizadas para se ter acesso a povos mais distante e até mesmo como sede para eventos da elite e para a realização de guerras por territórios, já as atividades diárias das pessoas às margens influenciaram a criação de uma dança conhecida como “dança do jarro”.

Este aspecto já adentra em um âmbito mais simbólico e a atribuição de figuras religiosas e deuses a este importante rio e a animais, que de certa forma estavam ligados a ele, foi inevitável. Um exemplo claro é encontrado em uma passagem bíblica que diz que a filha de um faraó encontrou um bebê em um cesto às margens deste rio, pagou a sua criada para amamenta-lo e posteriormente adotou-o dando a ele o nome de Moisés.

As teorias abordadas na construção deste presente trabalho trazem claramente muitas figuras de deuses associadas ao Nilo. No mito da Grande Contenda aparece a figura, entre outras, do deus Seth que arquitetava a morte do próprio irmão para ficar com o trono do

Egito, por sua vez Seth prende seu irmão, o deus Osíris, e joga-o no rio fazendo com que ela morra afogado.

Alguns deuses foram diretamente ligados ao Nilo e seus acontecimentos, o deus Hapi era tido como liberador da enchente, o Knun era o patrono da primeira catarata e responsável pelas inundações anuais, os representantes da fertilidade era Heqet, Tauret e Sobek, Já a deusa Ísis além de ser considerada a protetora do trono do faraó também era remetida a estrela Sírius que aparecia justamente no período em que as cheias estavam para começar e por tal motivo a crença era de que ela tinha relação direta com as enchentes.

Um mito persistente entre os egípcios era o de que o sol nascia pela manhã ao lado leste, considerando este como o lado do mundo dos vivos, e morria do lado oeste do Nilo, considerando este como o lado do mundo dos mortos (embora fosse habitado). As suas águas deste rio também levaram os egípcios a crer que o mundo dos mortos, é povoado por rios e mares e que o deus Rá (o deus criador de tudo ou deus sol) utilizava uma embarcação para cruzar o céu efetuando a passagem do dia desde o sol da manhã (representado na figura de Khepri), sol do meio dia (na própria figura de Rá) e o do final da tarde (representado pelo deus Atum) indo para o crepúsculo.

Essa crença levou os egípcios ao hábito de enterrar nas tumbas de falecidos influentes ou nas proximidades delas, pedaços de embarcações e até mesmo embarcações inteiras para que os falecidos cumprissem sua jornada além da vida.

Remetendo-se aos animais e figuras místicas atribuídas de certa forma a este rio, conclui-se a presença da Benu (ave que se assemelhava a garça-real e soltava grunhidos às margens do rio após as enchentes – o som emitido era tido como o primeiro do mundo), o Thot (sua simbologia o remete a deus patrono da escriba e a escolha da ave íbis se deu devido o ato de mergulhar o bico na água do rio se assemelhar ao mergulho do pincel na tinta), Heqet (deusa primordial e protetora do parto e tinha a forma de sapo/rã a qual era atribuído o poder de regeneração dado pelo fato de esses animais porem seus ovos nas margens dos rios), Tauret (divindade protetora das gestantes e da fecundidade, assimilada ao hipopótamo e representada por um hipopótamo fêmea com garras de felino e rabo de crocodilo) e Sobek (está ligado ao deus Osíris, a fertilidade, a divindades solares e propriamente ao rio Nilo).

Contudo, torna-se evidente a significância deste rio para o desenvolvimento da sociedade egípcia e para o norteamento de vários aspectos culturais. Podemos então concluir que, dentre outros aspectos, o clima daquela região e a gama de atributos do Nilo foram norteadores para a criação de uma das sociedades que mais despertou a curiosidade de

historiadores e pessoas diversas sobre seus costumes e riquezas culturais e muito além disso, de características que transcendem o meio material, atribuindo a este rio a função de extensão do lar egípcio.

REFERÊNCIAS

BAINES, J. **Deuses, templos e faraós: Atlas cultural do Antigo Egito**. Tradução de Francisco Manhães, Maria Julia Braga, Michael Teixeira, Carlos Nougué. Barcelona: Ed. Folio, 2008.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.

BRANCAGLION Jr., Antonio. **Tempo, material e permanência: o Egito na coleção Eva Klabin Rapaport**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra – Fundação Eva Klabin Rapaport, 2001.

BRESCIANI, E. “Sobek, Lord of the Land of the Lake”. In.: IKRAM, S. **Divine Creatures**. Cairo: The American University in Cairo, 2005.

CÉSAR, M. B. **O escaravelho-coração nas práticas e rituais funerários do antigo Egito**. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

COSTA, E. A. S.; ROSA, M. Historiando o desenvolvimento do desenho geométrico: das inscrições nas cavernas à contemporaneidade. **VIDYA**, Santa Maria, v.35, n.1, p.57-69, jan/jun, 2015.

COSTA, M. J. N. Arqueologia de ambientes aquáticos no Egito: uma proposta de pesquisa das sociedades dos oásis do período Faraônico. **Universidade Federal de Sergipe**, Laranjeiras – SE, p.1-106, 2013.

COSTA, M. J. N. Por uma arqueologia egípcia mais “aquática”. **Revista Labirinto**, Porto Velho – RO, v. 21, p.5-17, 2014.

DAVID, R. **Religião e Magia no Antigo Egito**. Tradução de Angela Machado. Rio de Janeiro: Ed. Difel, 2011.

KESSLER, D.; NUR EL-DIN, A. “Tuna al-Gebel: Millions of Ibises and Other Animals”. In: IKRAM, Salima. **Divine Creatures: Animal Mummies in Ancient Egypt**. Cairo: The American University in Cairo, 2005.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

LESKO, L. “Cosmogonias e Cosmologia do Egito Antigo”. In: SHAFER, Byron. **As religiões no antigo Egito**. Tradução de Luis Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

NICHOLSON, P. “The Sacred Animal Necropolis at North Saqqara: The Cults and Their Catacombs”. In: IKRAM, S. **Divine Creatures**. Cairo: The American University in Cairo, 2005.

PAIVA, V. A. S. **O Egito como componente circular da história: desafios e possibilidades no ensino de história da África**. Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2016. 143p.

ROSA, M.; OREY, D. C. **Las raíces históricas del programa etnomatemáticas**. RELIME, v. 8, n.3, p. 363-377, 2005.

SILVA, E. T. B. **Eixo norteador para o ensino da dança**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal – RN, 2016, 31p. (Trabalho de Conclusão de Curso)

SILVA, G. S. S.; WANDERER, F. Matemática, mídias digitais e didáticas: frações no cotidiano. **Universidade Federal do Rio Grande Do Sul**, p.1-16, 2015.

VIEIRA, J. D. et al. A urbanização no mundo e no Brasil sob um enfoque geográfico. **Cadernos de Graduação: Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 3, n.1, p.95-106, Out, 2015.

WILDUNG, D. **O Egito: da pré-história aos romanos**. Tradução de Maria Filomena Duarte. Lisboa: Ed. Taschen, 2009.